5. CAPÍTULO IV – O MUSEU PAULISTA: DO OSTRACISMO AO APOGEU

O professor e historiador José Sebastião Witter assumiu a direção do Museu Paulista da Universidade de São Paulo em junho de 1994, um ano antes de a instituição completar 100 anos de funcionamento. Desde que chegou, procurou dar continuidade e redimensionar no âmbito comunicacional o discreto trabalho desenvolvido pelo seu antecessor, professor Ulpiano Toledo Bezzerra de Menezes. A idéia foi a revitalização e a reconceituação do Museu no seu objetivo histórico-universitário. Também priorizou a reintegração à vida comunitária local, transformando-o numa instituição viva, centro irradiador de cultura e saber.

Para o professor Witter, em entrevista ao autor em agosto de 1999, "o espaço não pode ser só de exposição, mas deve trabalhar em prol da pesquisa e da integração com a sociedade". Muitos profissionais trabalham na conceituação da exposição, mas também na documentação do Museu. O objetivo é ir além do histórico, com atuação educacional, em torno de questões relacionadas aos documentos materiais, por meio das quais se permite formular e entender a organização, o funcionamento e a mudança da sociedade. "Somos uma referência para o estudo da cultura brasileira material e também queremos ser um pólo difusor desses conhecimentos", acrescentou Witter.

Doutor em História do Brasil, o pesquisador fez questão de dar ênfase ao papel social e agregador que o Museu desempenha na sociedade. Disse ele: “Nosso povo não tem costume de fazer visitas aos museus. Vêem o passado como uma coisa morta. O resultado de uma integração maior, a partir da comunidade, é muito importante porque assim as pessoas passam a buscar uma identidade consciente. O que representa a procura dos usuários pelo quadro de Pedro Américo senão o despertar do espírito de nacionalidade”.

Às observações do professor, acrescente-se algumas das conclusões da tese de doutorado de Maria José Elias (1998) sobre a instituição – e que podem revelar o entrecho da questão. O Museu Paulista expressa exemplarmente, para o Brasil, o sentido mais geral e profundo dos museus, além de fazer uma interpretação lúcida dos problemas inerentes à constituição da nacionalidade.

> De fato, nas três esferas fundamentais afeitas à constituição da nacionalidade – identidade nacional, autonomia e soberania do Estado e territorialidade – o Museu Paulista realiza e responde às demandas de uma sociedade que almeja afirmar-se soberanamente como um Estado Nacional (p. 293).

E conclui: “A reconstituição da história do Museu Paulista permite, em suma, repensar a trajetória da Nação e de sua memória”.

5.1 - Ações e resultados

Maior exposição do Museu como instituição viva. Com esta proposta o professor José Sebastião Witter assumiu a função de diretor e, a partir de janeiro de 1995, deu ênfase ao seu projeto mais ousado: a reforma do prédio do Museu. Para tanto, ainda na posse, esboçou os primeiros contatos com lideranças regionais (movimentos populares, clubes de serviços, associações, sociedades amigos de bairros, entidades representativas da OAB e da Associação Comercial, entre outras). Também articulou contatos com os diretores de entidades educacionais situadas na região como as Faculdades Associadas do Ipiranga, a UniFai (transformada no Centro Universitário Assunção), Universidade São Marcos, Centro Universitário São Camilo, Instituto de Artes Planalto da Universidade

Witter acompanha o ministro Francisco Weffort e o secretário estadual da Cultura Marcos Mendonça

Estadual Paulista e da Universidade Metodista do Estado de São Paulo, campus de São Bernardo. Em 24 de janeiro de 1995, reuniram-se diversas personalidades do mundo político e empresarial, além dos próceres da Universidade de São Paulo. O objetivo era sensibilizar o ministro da Cultura, Francisco Weffort, presente ao encontro, para a gravidade da situação.

Avisado pelo antecessor das precárias condições de algumas importantes alas do prédio, o próprio Witter se dá conta da deteriorização do monumento quando foi surpreendido por uma lasca de tijolo do teto que caiu a poucos metros de distância. Ele já havia sido advertido pelo ex-diretor, professor doutor Ulpiano Toledo Bezerra de Menezes, de que a subida das escadarias tinha apresentado problema sério no ano anterior, quando, às vésperas do 7 de Setembro despencaram diversos fragmentos do alto do teto, na entrada principal. Não era possível esperar mais. A tarefa hercúlea da restauração, entendeu desde o primeiro momento, extrapolaria o empenho de todos os integrantes do Museu. Contaria imprescindivelmente com um esforço coletivo de todos segmentos próximos à instituição — a comunidade local, os "uspianos", setores educacionais, o empresariado e autoridades ligadas à Cultura e à Educação dos três poderes. No ano em que completaria um século, o Museu do Ipiranga vivia um momento crítico e precisava de uma ampla reforma urgente.

Já com o projeto da reforma em andamento, o novo diretor tratou de aproximar o Museu das suas gentes. Criou, de imediato, a Sociedade de Amigos do Museu Paulista (Sampa), com empresários da região e parte do corpo acadêmico da USP. Outra iniciativa: a participação ativa nas campanhas de cunho social do bairro, especialmente as que lutam pela preservação dos arredores e do próprio Parque da Independência. Assumiu uma das coordenadorias do Movimento Cívico que propõe a recuperação do Monumento e da Capela Imperial e luta pela não construção de um conjunto de sete prédios residenciais, ao lado do Parque, onde antes havia um convento carmelita do início do século, derrubado pelos incorporadores imobiliários. Até o final do ano 2000 a obra estava embargada na Justiça, mas o tradicional Convento Bom Pastor foi derrubado.

Secretário e ministro discutem apoio a Witter

Enquanto os primeiros reparos iam sendo acelerados, o Museu ganhou novas atividades que o referendava como "instituição viva". Abriu espaços para a realização de eventos artísticos e culturais: lançamento de livros, peças de teatro com atores de renome, espetáculos musicais (inclusive um que se cha-

mou Serenata para a Marquesa), desfiles de moda, entre outros. Em novembro 1998, a Telefonica de Espanha fez o lançamento mundial de sua nova logomarca, num espetáculo com transmissão mundial diretamente do Parque da Independência usando a frente do prédio do Museu como cenário. E a Assessoria de Imprensa da multinacional justificou, posteriormente ao autor, a escolha do local "pela sua plasticidade, e pelo bom nome que o País possui em todo o mundo como 'exportador' de grandes espetáculos". Claro que o fator integração entre as culturas hispânica e brasileira também foi lembrado "por sua riqueza e universalidade".

Neste mesmo contexto, houve algumas parcerias com o Sesc Ipiranga, localizado ao lado do Museu, e também um centro difusor de artes e cultura. O Museu cedeu o espaço e o Sesc promoveu e organizou dezenas de espetáculos de música, teatro, exposições de artes plásticas e fotografias.

Outra iniciativa de interação com a comunidade foi a "popularização" dos temas dos cursos e seminários que o Museu organiza, sempre voltados para a complementação educacional. Professores e estudantes de todos os níveis participam das atividades.

Também em entrevista ao autor, em setembro de 1999, o empresário ipiranguista, Guilherme Teodoro Mendes, presidente do *Movimento Cívico em Defesa do Parque da Independência* e membro da Comissão Estadual destinada aos preparativos das festividades de 500 anos do Descobrimento, declarou: "O Museu voltou a ser a nossa casa durante a gestão do professor Witter, parece ter ganhado nova vida e foi o alicerce de muitas lutas em prol da comunidade, como, por exemplo, a recuperação e o restauro do seu vizinho Monumento da Independência e da Capela Imperial". Já o diretor das Faculdades Associadas do Ipiranga (UniFai), professor Osmar Stolagli, assinalou, neste mesmo dia, que essa integração recuperou uma tradição do início do século. "Afinal, o Ipiranga enquanto um bairro urbanizado surgiu a partir da construção do Museu, tanto que sua homologação oficial se deu em1934, antes éramos considerados Freguesia do Cambuci".

Desde então, destacou Stolagli, o Museu, seus jardins e alamedas são para o ipiranguista um referencial, um ponto de cultura, ciência, lazer e, por que não?, de vida. "Eu mesmo conheci minha mulher numa tarde de domingo, em frente ao Museu... E sei de muita gente que também foi assim".

Anualmente, em torno de 250 mil pessoas percorrem o Museu do Ipiranga, que tem renome e fama internacional. E, desde 1995, alterna com o Museu Imperial de Petrópolis primazia de ser o mais visitado dos museus brasileiros.

5.2 - A reforma

De janeiro de 95 até março de 98, quando foram inauguradas novas alas subterrâneas, o Museu Paulista passou pela mais importante reforma de sua história. Com custo aproximado de 7 milhões de reais, a recuperação passou em revista todas as dependências do prédio, detalhe por detalhe. Como narra o professor Witter no *livro Museu Paulista. Um Monumento no Ipiranga*:

> Os cem anos de sua história pesaram e o desgaste natural somado a intervenções nem sempre adequadas e as dificuldades de manutenção decorrentes da falta ou escassez de recursos começavam de forma lenta mas ininterrupta a ameaçar a própria estabilidade física do edifício... É uma história que vem de muitos anos e cansei de ouvir expressões tais como "aquela goteira está fazendo mais um aniversário"... Ao lado das goteiras uma queda de partes do forro da entrada monumental do Museu, nas belas escadarias, não só dava idéia de descuido como ameaçava os visitantes. Mais ainda, os fios da instalação elétrica, em grande parte, datavam da chegada da luz e força ao bairro, lá pelo ano 1946. Também a pintura interna estava precisando de cuidados especiais... Enfim, impunha-se uma ação segura, forte e obstinada e era preciso buscar recursos onde eles estivessem (1997, p.18-19).

A maior preocupação do professor Witter era com a torre da ala esquerda que ameaçava desabar. Durante o espetáculo Luz e Som na década de 70, as torres laterais do Museu serviram de base de sustentação física para dois pesados holofotes. Os danos foram consideráveis; a da direita apresentava grossas rachaduras e infiltrações. Às vésperas da Semana da Pátria de 95, justamente quando aumentam as visitas, pequenos fragmentos do teto despencaram. Providenciou-se um andaime de sustentação (nada estético) e o restauro passou a ter caráter emergencial.

Foram parceiros da USP nesta "jornada épica" o Ministério da Cultura (ministro Francisco Weffort) e

a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (gestão Carlos Eduardo Moreira Ferreira). A Fundação Roberto Marinho ofereceu 300 mil reais para a manutenção do arquivo de 13 mil fotos de Militão Augusto Azevedo que registrou São Paulo e seus habitantes na virada do século. As fotos foram doadas pela própria instituição e ocupam parte dos 270 metros do subsolo, transformado em área de exposição e entregue à população em março de 1998.

Para o presidente da Federação e Centro das Indústrias do Estado de São Paulo, Carlos Eduardo Moreira e Ferreira (Barbuy, 1997, p. 7) "educação e cultura são os pilares

de uma nação e os fundamentos da cidadania". Por isso, a ação reparatória mereceu apoio incondicional da entidade. O trabalho, segundo ele, assumiu "um excepcional valor para o público que comparece a esse edifício-monumento em busca dos sinais mais expressivos da alma nacional".

5.3 - Publicações

A instituição Museu Paulista, enquanto órgão de integração da Universidade de São Paulo, procura atingir seus objetivos como instituição de pesquisa, atendimento aos estudantes de diferentes graus, professores, pesquisadores em geral, seja pela administração de cursos, exposições e publicações.

Desde 1922, publica os *Anais do Museu Paulista* que, a partir de 1993, passaram a circular em nova série, com o subtítulo História e Cultura Material. A postura mais conceitual procurou atualizar a revista acadêmica de acordo com as novas tendências da História "especialmente da História a ser feita em museus" – como ressaltou o próprio professor Witter.

O Museu edita anualmente os *Cadernos de História de São Paulo*, que são montados com contribuições dos professores do curso de História de São Paulo que a instituição organiza a cada ano. Os mais recentes títulos são *A Cidade e os Campos do Conhecimento* e *A Cidade e a Rua*. Há também a publicação *de Cadernos Pedagógicos* voltados especificamente para professores de primeiro e segundo graus – exemplos *Como Explorar Um Museu Histórico* e *Museu Paulista – Novas Leituras*.

Em janeiro de 2000, o Museu fez o lançamento de três livros em parceria com a Editora da Universidade de São Paulo: *Zoologia Fantástica do Brasil (Séculos XVI e XVII*), de Afonso Escragnolle Taunay, editado, pela primeira vez, há mais de 60 anos; *O Brado do Ipiranga*, organizado pelas historiadoras Cecília Helena de Salles Oliveira e Claudia Valladão de Mattos, que resgata o texto do pintor Pedro Américo sobre o quadro Independência ou Morte e *Acervo do Museu Paulista,* que dá ao visitante um guia com toda a trajetória do museu e de suas coleções.

De todas essas publicações, no entanto, vale ressaltar o livro *Museu Paulista. Um Monumento no Ipiranga* como a principal peça de divulgação a documentar cada etapa da ampla reforma que a instituição viveu e acabou por projetá-la com uma imagem "viva" para o próximo milênio. A obra teve o patrocínio da FIESP e direção do professor José Sebastião Witter (geral) e Plínio Martins Filho (editorial). Lançado em outubro de 1997, com 3 mil exemplares, o livro traz 14 artigos de pesquisadores da Universidade São Paulo sobre a História do Museu Paulista, "um patrimônio de cidadania". São 372 páginas, em formato 26x29 cm, mancha de 40x41,6 picas, tipologia Helvetica Light e Helvetica Narrow, papel couchê fosco150g/m2 (miolo) e Ingres Fabriano 120 g/m2 (capas e guardas) e o aproveitamento de nada menos que 243 fotos, em pranchas de primeiríssima qualidade.

A solenidade de lançamento, realizada no hall de entrada do Museu, dia 26 de outubro de 1997, reuniu mais de 300 convidados, confirmando a integração com a comunidade, e teve ampla cobertura da imprensa. "Descrever a restauração do Museu foi uma tarefa que se impôs" - disse

na ocasião o coordenador do livro e da reforma, professor Witter. “Viver esta verdadeira aventura foi prazeroso e dignificante. O desafio valeu...”

Há ainda outras peças de divulgação como o Suplemento semestral do Diário Oficial, exclusivo sobre o Museu Paulista, com 70 mil exemplares; CD-ROM - O Pátio do Colégio e a Fundação da Cidade de São Paulo; CD-ROM Militão Azevedo e a Cidade de São Paulo e o Informe & Cultura (mensal - 1.000 exemplares). São publicações voltadas para divulgação das atividades dos pesquisadores com fins educacionais. Para professores e estudantes.

5.4 - Indicadores de excelência

Até setembro de 1995, o Museu de Petrópolis era o líder em visitação pública no Brasil, com 300 mil pessoas. Porém, com as comemorações do centenário do Museu do Ipiranga, o número de visitantes aumentou consideravelmente. Por três anos consecutivos, 96, 97 e 98, o Museu Paulista liderou o ranking com algo em torno de 320 mil visitantes; em 1999, esse número voltou à casa dos 250 mil.

Em 1999, 35% dos leitores do jornal *O Estado de S. Paulo* escolheram o Museu do Ipiranga como o melhor do País no gênero. A pesquisa, feita pelo próprio jornal e divulgada em 27/04/99, foi publicada no suplemento especial Melhor de Tudo.

Por dois anos seguidos, o professor Witter foi indicado pelas lideranças das entidades locais como a Personalidade do Ano do Bairro do Ipiranga. Witter também recebeu o Ateneu Rotaryo, ano 97, pelo Rotary Club São Paulo e foi escolhido como novo integrante da Associação Paulista de Educação, naquele mesmo ano.

Em 25 de janeiro de 2000, quando a cidade de São Paulo completou 446 anos de fundação, teve início no saguão principal do Museu do Ipiranga a exposição “General Motors do Brasil - 75 anos de evolução” que conta a história da montadora no País. A GM teve sua primeira unidade industrial brasileira com sede no bairro do Ipiranga e, para reverenciar a data, não pensou em solução mais adequada do que a realização dessa mostra temporária “no mais importante marco da História do País”, como enfatizou em discurso de abertura do evento o presidente da GM brasileira, Frederick Henderson.

Representante dos moradores do Ipiranga na solenidade de abertura da exposição, o comerciante Frederico Luiz Castellani lembrou dos familiares que trabalharam na fábrica da Avenida Presidente Wilson (“Eles já se sentiram pioneiros”), mas se diziam encantados mesmo com a beleza e as recordações que o Museu sempre lhes provocam. “É como voltar no tempo – explicou ao autor. Ver essa gente toda ao redor do Museu (centenas de pessoas compareceram à abertura da exposição, que teve ainda um desfile de carros antigos pelas alamedas do Parque) faz lembrar meus anos de rapazote, quando vínhamos descobrir as aventuras de ser feliz no Museu. Era aqui que todos vinham passear, brincar, namorar, contar nossas proezas, falar do futebol e de política. Era aqui que a vida acontecia...”

5.5 - Luminosa realidade

Desde 13 de dezembro de 1999, o professor José Sebastião Witter não desempenha mais as funções de diretor do Museu Paulista. Por questões burocráticas de aposentadoria e também para agilizar os trabalhos no ano das comemorações dos 500 Anos do Descobrimento resolveu antecipar sua saída, após 47 anos de trabalho dedicado à Universidade de São Paulo.

Um fato curioso: a sucessão do professor Witter quebra uma tradição secular. É a primeira vez que uma mulher, a professora historiadora Raquel Glezer, ocupa a função desde a primeira gestão, em 1894, de Hermann von Lhering. "Fico muito honrada e feliz" – disse a professora à repórter Leila Kiyomura Moreno, do Jornal da USP, de 17 a 23 de janeiro de 2000. "A minha responsabilidade dobra porque venho depois das brilhantes gestões dos professores Ulpiano Toledo Bezerra de Menezes e José Sebastião Witter. Minha preocupação é continuar mantendo o padrão das programações e sua integração com a cidade. Também tenho como prioridade garantir a preservação do acervo do prédio, dos jardins e da história que caracteriza o bairro".

Faz sentido a preocupação desta professora ipiranguista de 55 anos, que está na USP desde 1963. O professor Witter era uma espécie de faz-tudo no Museu. Não existe na instituição, por exemplo, um Departamento de Comunicação. Toda a estratégia de projetar o Museu como uma entidade viva, participante e com influência nas mudanças sociais ficou centrada na figura do então diretor.

Além de historiador, Witter é escritor e colabora regularmente como colunista para diversos jornais, inclusive para a revista *Jornal dos Jornais*, voltada para profissionais e estudantes da área de Jornalismo. Era ele quem recebia os jornalistas, fazia a ponte com autoridades como o ministro e o secretário da Cultura, tratava dos patrocínios e deu rosto e vida para o Museu na virada do milênio.

Pelo relato, fica claro que os esforços (e a empatia) pessoais do professor Witter foram fundamentais para a “virada” de mesa. Mesmo o antecessor, professor Ulpiano, apesar de possuir os mesmos objetivos e interesses, não conseguiu dinamizar a mesma interação com a comunidade que, de resto, sempre prezou e se mostrou interessada na valorização do Museu do Ipiranga e de todo o Parque da Independência.

Após a transmissão do cargo de diretor, na mesma noite, representantes das principais entidades e associações reuniram-se num jantar de despedida e homenagem ao professor Witter, “um ipiranguista por adoção “ como ele mesmo se define.

Dias antes, na noite de 9 de dezembro, o professor viu seu último sonho à frente do Museu tornar-se uma luminosa realidade. Nas noites de quinta a domingo, o imponente prédio de estilo neo-renascentista acende luzes externas – 375 lâmpadas de tons brancos e dourados – que dão a impressão que seu frontispício flutua sobre os jardins e redimensiona os detalhes de sua rica arquitetura, criando um dos mais bonitos espetáculos noturnos de São Paulo.